

A CASA TOMBADA

**A CASA
TOMBADA**
Lugar de Arte, Cultura e Educação

 **CARROÇA de
MAMULENGOS**

EDILENE BEZERRA DE SOUZA

**PERCURSO MEMORIALÍSTICO: REVENDO O PASSADO... VIVENDO O
PRESENTE... IMAGINANDO O FUTURO**

Trabalho de Conclusão do Curso de Pós-Graduação Lato Sensu Saberes Populares para a arte e a Educação nas vivências da Carroça de Mamulengos apresentado como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de especialista em Arte/Educação, sob orientação da Profa. MARIA GOMIDE FRANÇA
Orientadora: MARIA GOMIDE FRANÇA
Leitor: JOEL CARDOSO DA SILVA - Pós - Doutor em artes, literatura e cinema

Bragança Paulista/SP

ANO 2022

**PERCURSO MEMORIALÍSTICO: REVENDO O PASSADO... VIVENDO O
PRESENTE... IMAGINANDO O FUTURO**

Edilene Bezerra de Souza



Em Manaus (2018).

**Monografia apresentada como pré-requisito
parcial avaliativo do Curso de Especialização em Saberes
Populares para a Arte e a Educação nas Vivências da
CARROÇA DOS MAMULENGOS: O que nós podemos
fazer por nós mesmos? – A CASA TOMBADA.**

Orientadora: Maria Gomide França

**Leitor: Joel Cardoso da Silva - Pós - Doutor em artes,
literatura e cinema**

RESUMO:

Esta monografia, espécie de memorial em forma de carta, gênero textual em declínio na Contemporaneidade, retoma biograficamente pontos do meu percurso existencial. Falo (e falam) de mim, Edilene Bezerra de Sousa. O objetivo é fazer, em forma de depoimentos, ou melhor, de cartas, registros significativos da minha vida. Ao me dar esta oportunidade de revisitar minhas memórias e, ao mesmo tempo, receber depoimentos (generosos) de outros sujeitos, expondo suas opiniões sobre a minha pessoa, tive, como protagonista destes discurso, como mulher, como pessoa e cidadã, uma percepção mais aprofundada e fundamental do que foi esta minha trajetória. Cumpre salientar que este não é um trabalho teórico. De forma, ora rememorativa, ora poética, ora confessional e realisticamente, concentramo-nos em amearhar, além do meu, outros discursos que dessem a um possível leitor da posteridade (no caso, uma neta ou um neto) a ideia de quem sou eu.

Palavras-Chave:

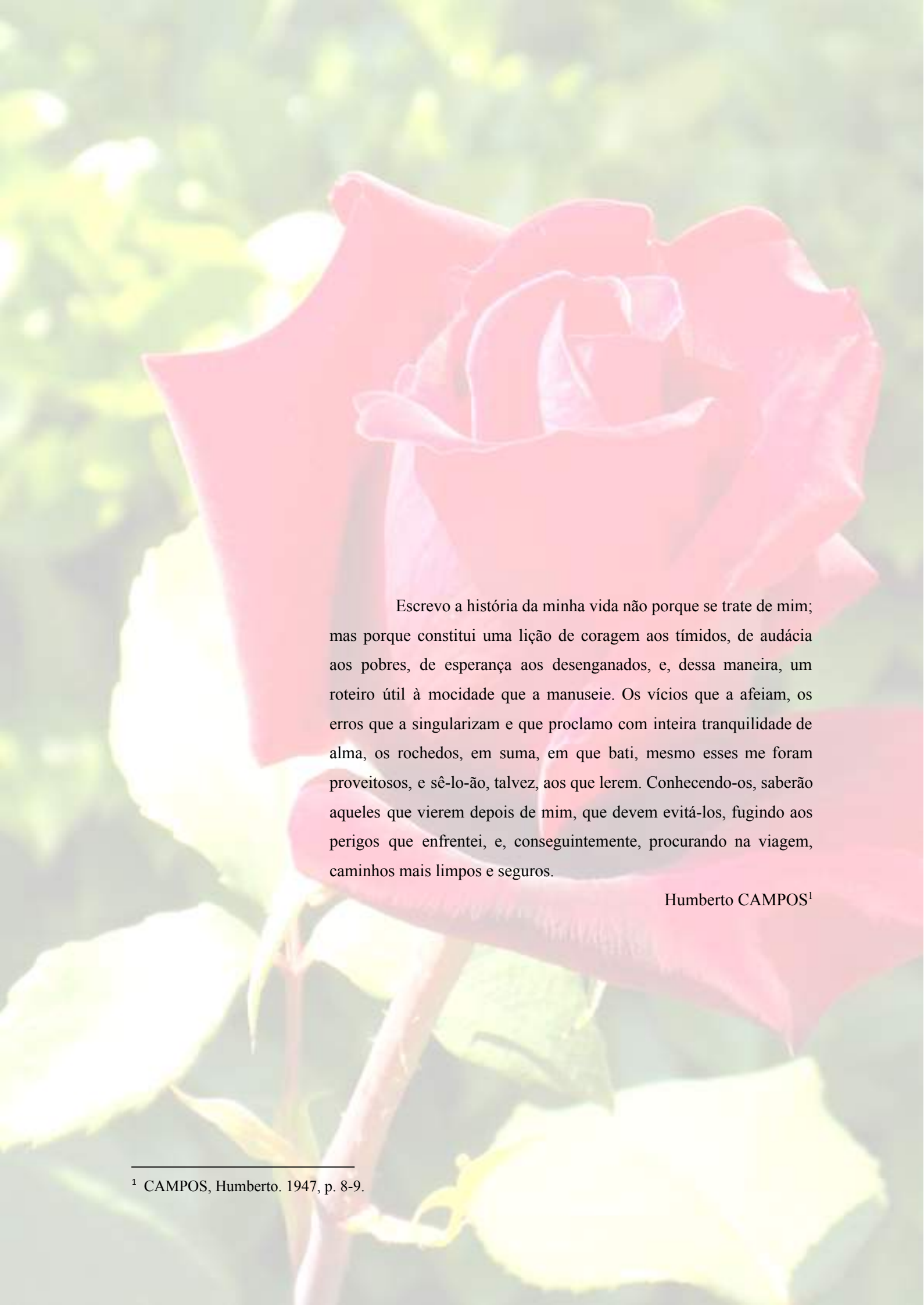
Memorial; Carta; Percurso Existencial

ABSTRACT:

This monograph, a kind of memorial in the form of a letter, a textual genre in decline in Contemporaneity, biographically takes up points of my existential journey. I speak (and other also speaks) about myself, Edilene Bezerra de Sousa. The objective is to make, in the form of testimonials, or rather letters, meaningful records of my life. By giving me this opportunity to revisit my memories and, at the same time, receive (generous) testimonies from other subjects, exposing their opinions about me, I had, as the protagonist of these discourses, as a woman, as a person and a citizen, a more in-depth and fundamental part of what this trajectory of mine was. It should be noted that this is not a theoretical work. In a way, sometimes reminiscent, sometimes poetic, sometimes confessionally and realistically, we concentrated on gathering, in addition to mine, other discourses that would give a possible reader of posterity (in this case, a granddaughter or a grandson) the idea of who I am.

Key words:

Memorial; Letter; Existential Path



Escrevo a história da minha vida não porque se trate de mim; mas porque constitui uma lição de coragem aos tímidos, de audácia aos pobres, de esperança aos desenganados, e, dessa maneira, um roteiro útil à mocidade que a manuseie. Os vícios que a afeiam, os erros que a singularizam e que proclamo com inteira tranquilidade de alma, os rochedos, em suma, em que bati, mesmo esses me foram proveitosos, e sê-lo-ão, talvez, aos que lerem. Conhecendo-os, saberão aqueles que vierem depois de mim, que devem evitá-los, fugindo aos perigos que enfrentei, e, conseguintemente, procurando na viagem, caminhos mais limpos e seguros.

Humberto CAMPOS¹

¹ CAMPOS, Humberto. 1947, p. 8-9.

PREFÁCIO

DO GÊNERO CARTA... DAS MEMÓRIAS... DAS DIVAGAÇÕES...

Quero, como de praxe, ao me reportar a esses ritos acadêmicos, agradecer ao convite para participar deste momento. Quero agradecer e parabenizar à orientadora, deste trabalho, Maria Gomide, muito, muito jovem, pela forma bonita, livre, leve e descontraída com que o conduziu... quero agradecer à Edilene, e, por extensão, ao Marcos, à Luísa, por esta maratona.

Em primeiríssimo lugar quero falar sobre o tema escolhido para essa monografia: o gênero carta. Cartas pertencem a um gênero que, infelizmente, saiu de moda. Não fazem parte mais das atividades corriqueiras das nossas vidas como fazia há 10, 20, 30 anos... Quase ninguém mais escreve cartas. Os motivos são muitos. Vivemos a era da pressa, dos dizeres telegráficos, da impaciência, da intolerância, das muitas discordâncias. Quando muito, escrevemos mensagens cifradas, textos telegráficos, e-mails rápidos. Os diálogos morrem no seu nascedouro. Difícil encontrar eco, empatia, ressonância no coração dos outros. Vivemos interligados virtualmente, mas separados fisicamente. Nunca a nossa solidão foi e é tão intensa. Portanto, acho, como professor advindo das letras e militando atualmente entre as artes, que colocar em cena esta modalidade de trabalho tem a sua relevância natural.

Quero, a seguir, falar da minha alegria de estar com as pessoas que amamos, da oportunidade de reencontrá-las sempre, mesmo à distância, de poder falar com elas, de falar delas: isso, mais que um prazer, é, indubitavelmente, um privilégio. Mas, voltando ao tema deste trabalho, falar de nós mesmos é, ao contrário do que de imediato imaginamos, muito difícil.

Nossa trajetória se delinea dentro de nós como uma história descontínua. Defrontamo-nos com um processo de selecionar fatos, momentos, lembranças. De coordenar isso tudo. De dar sentido à narrativa. Tudo isso nos leva a um processo introspectivo intenso. Como dizer o que queremos dizer, sem parecer ostensivo, sem se autovalorizar demais? Como omitir certos fatos que permanecem latentes nas nossas recordações?... Como fazer com que quem nos lê encontre algum sentido para continuar a leitura?

Tudo isso nos angustia sempre... O outro, sempre o outro, é o nosso espelho. O outro é o ser que nos confere autenticidade. Mas essa autenticidade reclama uma ressonância, um reconhecimento, um processo de comunicabilidade.

Não por acaso, na Literatura, desde sempre as biografias encontram um lugar privilegiado. Adoramos acompanhar trajetórias alheias. Quer seja de pessoas famosas, quer seja de pessoas anônimas... Aliás, muitas pessoas ditas anônimas encontram reconhecimento e sucesso através de seus relatos. Todo relato biográfico é, na realidade, também, um relato autoficcional. Nós nos reinventamos quando escrevemos sobre nós mesmos. E esse é um processo fundamental para o nosso bem estar interior. Nós nos reorganizamos tacitamente. É uma espécie de autoanálise que nos faz bem, que nos dá completude, que confere realidade à nossa existência.

Empreender esse processo reconstitutivo nos permite uma autoavaliação e um autorreconhecimento. Somos ao mesmo tempo a realidade e a ficção de nós mesmos. Não há como estabelecer uma linha divisória nítida entre estes estados.

Parabéns pela escrita concisa e elegante do trabalho, Edilene. Pela seleção dos episódios de sua vida tão bem elaborados. Todos sabemos, ao escrever, das nossas dificuldades; das inseguranças; dos medos; da eterna luta contra o tempo, contra o mal estar; contra os muitos afazeres do seu dia a dia... que bom que essa etapa, esta tarefa esteja concluída. Sabemos, no entanto, que as histórias das nossas vidas não terminam nunca. Sabemos, na nossa permanente e inalcançável busca de perfeição, da nossa insatisfação ao ler os textos que redigimos... gostaríamos, na realidade, de incluir muitas outras cenas, outros fatos, outras lembranças. Sabemos, também, que, a cada leitura, gostaríamos de interferir, de mudar. Mas tudo tem que ter, pelo menos acadêmica e provisoriamente, a sua finalização.

Parabéns pelo seu trabalho. Parabéns à orientadora. Reitero a minha gratidão por participar deste momento de conagração. Gostaria, na realidade, de dizer muito mais coisas. Termina, no entanto, por aqui.

Beijos n'alma... amo você, minha amiga!...

Joel Cardoso

Belém do Pará,

manhã (quente de sol e de vida) de 19 de novembro de 2022.

SUMÁRIO

À GUIA DE INTRODUÇÃO...

01. CARTA À MINHA NETA OU - QUEM SABE? – A UM POSSÍVEL NETO...

02. CARTA DE JOEL CARDOSO

03. CARTA/DEPOIMENTO DO MEU COMPANHEIRO DE VIDA MARCOS

04. CARTA DA MINHA FILHA LUÍSA

05. CARTA DO MEU FILHO PEDRO

06. CARTA DO MEU AMIGO ANTONIO CARLOS

07. CONSIDERAÇÕES FINAIS

08. REFERÊNCIAS

À GUISA DE INTRODUÇÃO...

(...)
Interrompendo a reflexão caseira,
O pensamento afeito ao entardecer,
A carta, a tua voz mesma a dizer
Muitas coisas, mas não que regressas.
Alberto Lacerda
In: *Itinerários*.

Escrevemos para registrar falas, discursos. Escrevemos para deixar nossas marcas discursivas à posteridade. Escrevemos porque temos necessidade de nos expressar, porque temos necessidade de fugir ao marasmo, à rotina, à mesmice. Escrevemos porque estamos vivos e precisamos nos expressar, nos comunicar... Escrevendo nós nos descobrimos, nós nos identificamos com algo que vive em nós e que ainda não teve voz.

Autobiografias são um gênero que voltou a fazer sentido na contemporaneidade. Uma biografia, no entanto, também tem suas lacunas. Escolher escrever sobre nós mesmos é um desafio. A imaginação entra em cena e acabamos auto ficcionalizando tudo... Não há como, deliberada ou racionalmente, fugir a isso.

Assim, segundo Bakhtin,

mesmo se ele (autor) escrevesse uma autobiografia ou a mais verídica das confissões, como seu criador, ele igualmente permanecerá fora do mundo representado. Se eu narrar (escrever) um fato que acaba de acontecer comigo, já me encontro, como narrador (ou escritor), fora do tempo-espaco onde o evento se realizou. É tão impossível a identificação absoluta do meu “eu” com o “eu” de que falo, como suspender a si mesmo pelos cabelos (1998, p. 360).

Portanto, neste trabalho, cumprindo as formalidades acadêmicas, misturamos gêneros distintos. É evidente que se trata de um discurso memorialístico. Esse discurso, no entanto, se dá como forma de registro, num gênero denominado carta.

Cada um de nós, cria e adota, ao longo da vida, uma forma de ser, de estar, de agir, de falar, de se comunicar. Chamamos a isso de estilo. Cada um de nós busca a sua originalidade, a sua verdade interior. Somos reconhecidos por isso tudo, mas principalmente pelos nossos discursos. Através do discurso nos damos a conhecer, isto é, criamos um estilo que é só nosso, que é a nossa maneira de nos fazermos representar socialmente.

Pensamos no estilo como o modo próprio de dizer de uma enunciação, única, depreensível de uma totalidade enunciada. Essa perspectiva faz com que as relações de sentido converjam recorrentemente para um centro que, longe de mostrar um sujeito empírico, cria o próprio sujeito (DISCINI, 2003, p. 17).

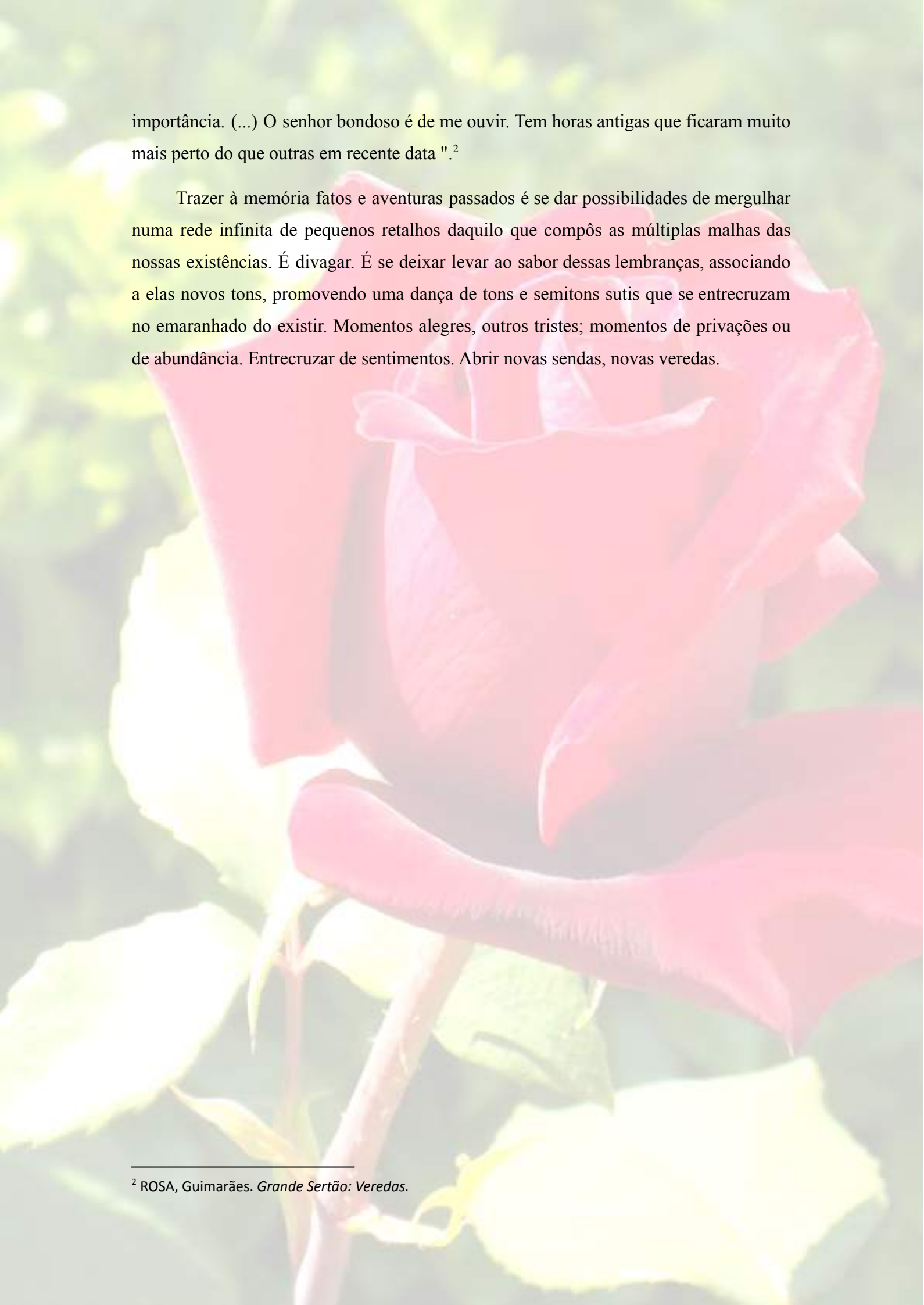
Vivemos o tempo da precariedade, da falência dos discursos. Ninguém mais está disposto a ler textos longos. A modernidade vive com pressa. Estamos na época da velocidade. Tudo ocorre numa velocidade impressionante. A informalidade tomou conta de tudo. Os diários migraram para os ambientes online. O Facebook se converteu em um divã psicanalítico. Protegidos por um anonimato virtual, visualizamos o indizível pelas redes sociais. As cartas foram substituídas pelos e-mails. Os e-mails se tornaram telegráficos através do WhatsApp. E assim por diante.

Os diários, as cartas, os memoriais acadêmicos, os romances autobiográficos são gêneros que realizam o discurso autobiográfico, cuja marca central é, além da temática da “minha vida” – o “eu” é o centro do discurso –, a produção do efeito de identidade entre o enunciador (autor implícito) e o narrador; o narrador e o protagonista (ator central do narrado); o protagonista e o enunciador (BARROS, 2012, p. 17).

Nas cartas, estilo que adotamos para elaboração deste trabalho, despimo-nos das formalidades. Escrever cartas é conversar por escrito. Quase que informalmente. Porque as cartas, normalmente, são direcionadas a pessoas próximas, a entes queridos, a pessoas que pertencem ao nosso convívio. Quando escrevemos, exercitamos os nossos modos de expressão, registramos nossos pensamentos, nossas ideias, nossas reflexões; estabelecemos modos menos formais de comunicação e, obviamente, aperfeiçoamos nossa capacidade de interação.

Esta monografia está formalmente dividida em cinco partes. Em cada uma delas, uma voz. Primeiro, aparece a minha voz, fazendo memorialisticamente uma retrospectiva do que foi a minha trajetória. Depois, nas sessões subsequentes, cedi a voz a pessoas que foram significativas no meu percurso de vida. Assim, alinhavam-se as vozes-depoimentos de Joel Cardoso, meu amigo; Marcos Ganzeli, meu companheiro de vida; Luisa, minha filha; Pedro, meu filho e, por fim, mas não menos importante, as palavras de meu amigo Antonio Carlos.

Sou grata a todos que, tendo partilhado da minha vida, se dispuseram a colaborar com este trabalho. Sabemos, com Guimarães Rosa, que "a lembrança da vida da gente se guarda em trechos diversos, cada um com seu signo e sentimento uns com os outros, acho que não misturam. Contar seguido, alinhavado só sendo coisas de rasa



importância. (...) O senhor bondoso é de me ouvir. Tem horas antigas que ficaram muito mais perto do que outras em recente data".²

Trazer à memória fatos e aventuras passados é se dar possibilidades de mergulhar numa rede infinita de pequenos retalhos daquilo que compôs as múltiplas malhas das nossas existências. É divagar. É se deixar levar ao sabor dessas lembranças, associando a elas novos tons, promovendo uma dança de tons e semitons sutis que se entrecruzam no emaranhado do existir. Momentos alegres, outros tristes; momentos de privações ou de abundância. Entrecruzar de sentimentos. Abrir novas sendas, novas veredas.

² ROSA, Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*.

02. CARTA À MINHA NETA OU - QUEM SABE? – A UM POSSÍVEL NETO...

São Paulo, 24 de setembro de 2022.



(2018)

Olá!, minha querida neta... Estou escrevendo a você para que possa me conhecer... tenho esperança de vê-la, de conhecer você, de conviver com você, mas se isso não acontecer, você vai, pelo menos, me conhecer um pouquinho por aqui...vou procurar ser verdadeira, porque os discursos nos traem e nós temos a tendência de fantasiar enquanto falamos. Então, vamos conversar um pouco?... Esta vai ser, com certeza, uma longa conversa!... Estou há meses rascunhando esta mensagem... Gostaria de falar de mim, da minha, da nossa vida, porque, afinal, quer queiramos, quer não, todos estamos entrelaçados no mesmo tecido vital...

Estamos no ano de 2022. Eu me chamo Edilene Bezerra de Souza e estou com 65 anos. O tempo, inclemente, não espera ninguém... Passa rapidamente e nós não nos damos conta...

Gosto de aprender, de conhecer coisas novas, por isso, curso, atualmente, uma Especialização... Estudar é uma forma de nós nos mantermos conectados com o mundo exterior. O mundo, é bem verdade, não se torna apreensível facilmente. Gosto de ler, de aprender, de pesquisar. Neste curso, conheci Maria Gomide que se tornou a minha orientadora neste trabalho para a pós-graduação. Depois de uma conversa com ela, neste curso intitulado “Saberes Populares para a arte e a Educação nas vivências da Carroça de Mamulengos” - resolvi escrever esta carta. Descobri que pouco sei sobre as minhas origens. Não convivi com minha avó, como você provavelmente também não conviverá comigo, mas, sinceramente, aguardo ansiosa sua chegada, para convivermos um pouco juntas. Espero, no entanto, que aqui fique registrado alguma coisa sobre quem eu fui, quem sou, para quando você crescer saber algo sobre mim.

A decisão final sobre esta carta veio aliada a um curso que fiz na empresa em que trabalho. O curso tinha por título “Aposentadoria 4.0” e falava quais seriam as nossas possibilidades de atividades depois que nós nos aposentássemos na companhia. Era um curso curto de apenas quarenta horas, com expectativas de nos despertarmos para um possível aposentar saudável e não monótono. No final do curso, que aconteceu em 2011, tínhamos que escrever uma carta para nós mesmos. Essa carta seria enviada um ano após.

Coincidentemente, encontrei esta carta, e a li para mim mesma, foi como uma forma de fazer um balanço, uma retrospectiva, um registro, de momentos importantes de minha vida e após uma conversa com a Maria Gomide, nasceu em mim a necessidade de deixar algo mais de mim para você. Aí, sim, decidi que seria interessante escrever para você. Você ainda é apenas um desejo, uma promessa. Mas, escrevendo para você, na realidade, escrevo também para mim mesma. As lembranças esmaecem, se perdem, se embaralham... Talvez você possa até gostar de saber algo sobre sua avó... talvez não... Sem roteiro, a vida é sempre um emaranhado de problemas, de alegrias, de viagens, de rotinas, de decisões que temos que tomar, e também de coisas maravilhosas que ao longo desta carta tentarei descrever, sem parecer demasiadamente piegas. O passado não volta. Só retorna em nossas lembranças. E as lembranças aleatoriamente se fazem sempre presentes. Começo relatando alguns dos meus problemas. Problemas antigos. Quem não os tem?... Sei, no entanto, que sei bem pouco sobre as minhas origens. Eu, por exemplo, quase nada sei sobre minha avó. Sinto que é por ela que eu deveria começar esta correspondência hipotética, essa conversa com a posteridade. Fui, então, atrás de informações. Em outras palavras, fui procurar saber se havia alguma pessoa que pudesse me contar um pouco da minha história pregressa.

Vivemos demasiadamente envolvidos na nossa rotina cotidiana, na nossa realidade. Na pressa que caracteriza a vida moderna, não temos tempo para nada. A nossa luta diária nos absorve e eu, até esta data, não me preocupei muito em saber quem foram os meus antepassados, as minhas origens, os meus avós, por exemplo. Da minha avó, como já disse, pouco sei. Perdemos-nos no tempo. Anestesiemo-nos absorvidos pelo dia a dia. Pouco sei dos modos como ela viveu. Sei que minha avó, Sebastiana Maria da Conceição, foi casada com José Ferreira dos Santos. Sei que teve dez filhos e ainda adotou mais uma filha.

Minha mãe, Maria José Ferreira, a filha mais velha dos meus avós, depois de casada, passou a se chamar Maria José de Souza. Ainda na trilha de informações sobre minha avó, descobri que tenho uma tia chamada Lica, que na verdade chamava-se Soledad Ferreira, a irmã mais nova de minha mãe e, através de minha tia Lica, hoje com 76 anos, obtive mais informações sobre minhas origens. Toda família tem histórias. Tem particularidades. São nas tramas do dia a dia, de pequeninas coisas cotidianas que se constroem as vidas das pessoas. Soube, também, por exemplo, que todos os filhos de minha avó tinham apelidos, alguns tão arraigados que eles já quase nem se lembravam de seus nomes de origem. Mamãe ficou conhecida apenas como Nita. Vamos aos apelidos de meus tios: - Cícero Francisco Ferreira - Ciço; - Jurandir Francisco com apelido de Gira; - Otácio, com alcunha de Nego; - Juraci de Nega; - Natácio de Nato; - Iraci de Irá; - Eunice de Neta; - Jaudecira de Nena; - Solelad de Lica e a que foi adotada Lúcia Maria de Liu.

Minha tia Lica, minha entrevistada do momento, cursou até o 3º ano primário. Quando me conheceu, era uma adolescente, e não se importava com criança. Na entrevista se espanta com minhas perguntas sobre a mãe dela e estranha muito eu querer saber qual a origem, se é filha de índios, de negros, ou de brancos, e até se ofende um pouco. Idealizamos quase sempre a imagem que fazemos de nós mesmos. Trazemos ideias, preceitos e preconceitos arraigados. Somos pardos, e isso, para ela, na sua ingenuidade, não quer dizer que somos filhos de um Brasil mestiço, que somos todos constituídos por uma grande mistura que inclui negros, índios e estrangeiros. Na realidade dela, somos brancos e isso basta. Queria eu, na verdade, que pensasse que fosse como diz o poeta Chico César “A alma não tem cor. Ela é multicolor, ela é colorida” e não a importância da cor da pele, assim, não teríamos diferença e seríamos todos iguais.

Como representante legítima de uma realidade que não conseguimos superar, registro que Vovó Sebastiana, sua tataravó, era analfabeta, assim como o seu tataravô. Era (e de certa forma continua sendo) normal. Mesmo sendo “analfabetos”, conforme o conceito pelo dicionário, indivíduo que não sabe ler e escrever, conseguiram criar, alimentar e educar onze

filhos. Quando eu tinha uns seis anos, meus pais foram morar em Pesqueira, cidade onde nasci e morei até os seis meses de idade.

Pesqueira é um município brasileiro no agreste do estado de Pernambuco, situado no Vale do Ipojuca, que fica a 215 quilômetros da capital do estado, Recife. Nessa época conheci meus avós, mas pouco me lembro deles. Como falei para tia Lica, era como se eu tivesse uma espécie de medo deles. Não me recordo com clareza nem mesmo de suas fisionomias, tampouco sei se existem fotos deles. Moramos lá por pouco tempo, acredito que menos de dois anos.

Lembro-me de que morávamos em Pesqueira e meus avós moravam num vilarejo chamado Carneiro, próximo ao município de Arcoverde/PE, onde tinham um sítio. No sítio, a tia que tomava conta de mim, ou eu dela. Era a tia Liu, a que foi adotada. Foi ela que me ensinou a colocar a mandioca nas margens do rio, por três dias, para remoção do cianeto, e levar toda a mandioca para a avó fazer um dos melhores bolos do nordeste, o bolo de puba, colocado na folha de bananeira e assado em fogo de lenha. Coloco aqui uma receita, não sei se era igual à que minha avó fazia mas vale a tentativa: 8 xícaras (chá) de puba/carimã (mandioca já saída das margens do rio e amassada); 2 e 1/2 xícaras de açúcar; 1 colher (chá) de sal, 1 xícara de coco ralado; 200 gramas de manteiga; 600ml de leite de coco. Após a mistura de todos os ingredientes, utiliza-se a folha de bananeira como forma e assa em forno de lenha.

Trazemos conosco, dentro de nós, insistente e arraigadamente, a nossa família. É na família que nós nos constituímos, que, inicialmente, aprendemos a exercitar para sermos o que somos. Família é exemplo vivo e imediato. É convivência. É experiência. A nossa era (e é) uma grande família. Eu não me lembro de todos os meus tios, mas eles eram muitos, disso eu me recordo bem!... Assim como minha mãe, meus tios Otacílio e Jurandir, quando constituíram família, mudaram-se para a cidade grande, em busca de uma vida melhor. Vieram morar em São Paulo, sonho de muitos interiorianos. De vez em quando íamos à casa deles (aqui na capital de São Paulo) ou eles vinham nos visitar na casa de minha mãe.

Cada membro da família tem as suas peculiaridades. Todos, de forma diferente, formam um conjunto que queremos unificar. Tio Jurandir, a quem chamávamos de tio Gira, morou mais de um ano na nossa casa com toda a família, (mulher e quatro filhos). Interessante observar que na casa havia apenas um quarto, uma cozinha e um banheiro. Então, havia crianças dormindo por todos os cantos da casa, inclusive debaixo da mesa. Mamãe, porém, nunca se queixou da situação, pelo contrário. Era a vida, em seu pulsar, o que se há de fazer, não é minha neta?

Todos os meus tios, segundo informações, foram alfabetizados até o segundo ou terceiro ano escolar (curso primário). Leitura, saber... para quê?... Já as meninas foram educadas para que se tornassem donas de casa, ou para exercer uma profissão que se adequasse às meninas, como costureira, por exemplo. Mamãe se tornou uma exímia costureira... e os meninos, não sei bem informar, mas eram pedreiros, marceneiros, serralheiros, ou melhor, faziam serviços gerais, ou melhor, os serviços que apareciam. A necessidade ensinava, ou melhor, exigia. Não dava para escolher. Trabalhos super importantes para a subsistência doméstica.

Agora, vamos falar de minha mãe, sua bisavó. Mulher sempre foi sinônimo de resistência, de persistência, de continuidade. A mulher agrega, agasalha, acolhe... Sua bisavó foi uma mulher de fibra, uma mulher valente... aliás, muito valente... Seguiu os passos de sua tataravó, quanto a ser mãe: pariu oito vezes: quatro meninas e quatro meninos. O seu nome era Maria, nome comum, mas expressivo, símbolo de coragem e de força. Era, porém, conhecida apenas como Nita. Está claro que minha mãe é a própria Maria (uma das muitas Marias, retratadas, simbolicamente, nos versos da canção “Maria Maria”, de Milton Nascimento). Vou transcrever aqui os versos desta canção, para você, minha querida, tenha noção da grandeza que representou a vida de sua bisavó.

Maria, Maria, é um dom, uma certa magia
Uma força que nos alerta
Uma mulher que merece viver e amar
Como outra qualquer do planeta
Maria, Maria, é som, é a cor, é o suor
É a dose mais forte e lenta
De uma gente que ri quando deve chorar
E não vive, apenas aguenta
Mas é preciso ter força, é preciso ter raça
É preciso ter gana sempre
Quem traz no corpo a marca, Maria, Maria
Mistura a dor e a alegria
Mas é preciso ter manha, é preciso ter graça
É preciso ter sonho sempre
Quem traz na pele essa marca possui
A estranha mania de ter fé na vida
Mas é preciso ter força, é preciso ter raça
É preciso ter gana sempre
Quem traz no corpo a marca, Maria, Maria
Mistura a dor e a alegria
Mas é preciso ter manha, é preciso ter graça
É preciso ter sonho sempre
Quem traz na pele essa marca possui
A estranha mania de ter fé na vida. (Milton Nascimento)

Mamãe externava uma força que vinha bem lá de dentro, bem lá do fundo do seu coração. Foi, talvez, em decorrência dessa força que nos levou a ser mulheres e homens muito fortes. Minha mãe, mesmo diante das situações mais difíceis, mais improváveis, sempre

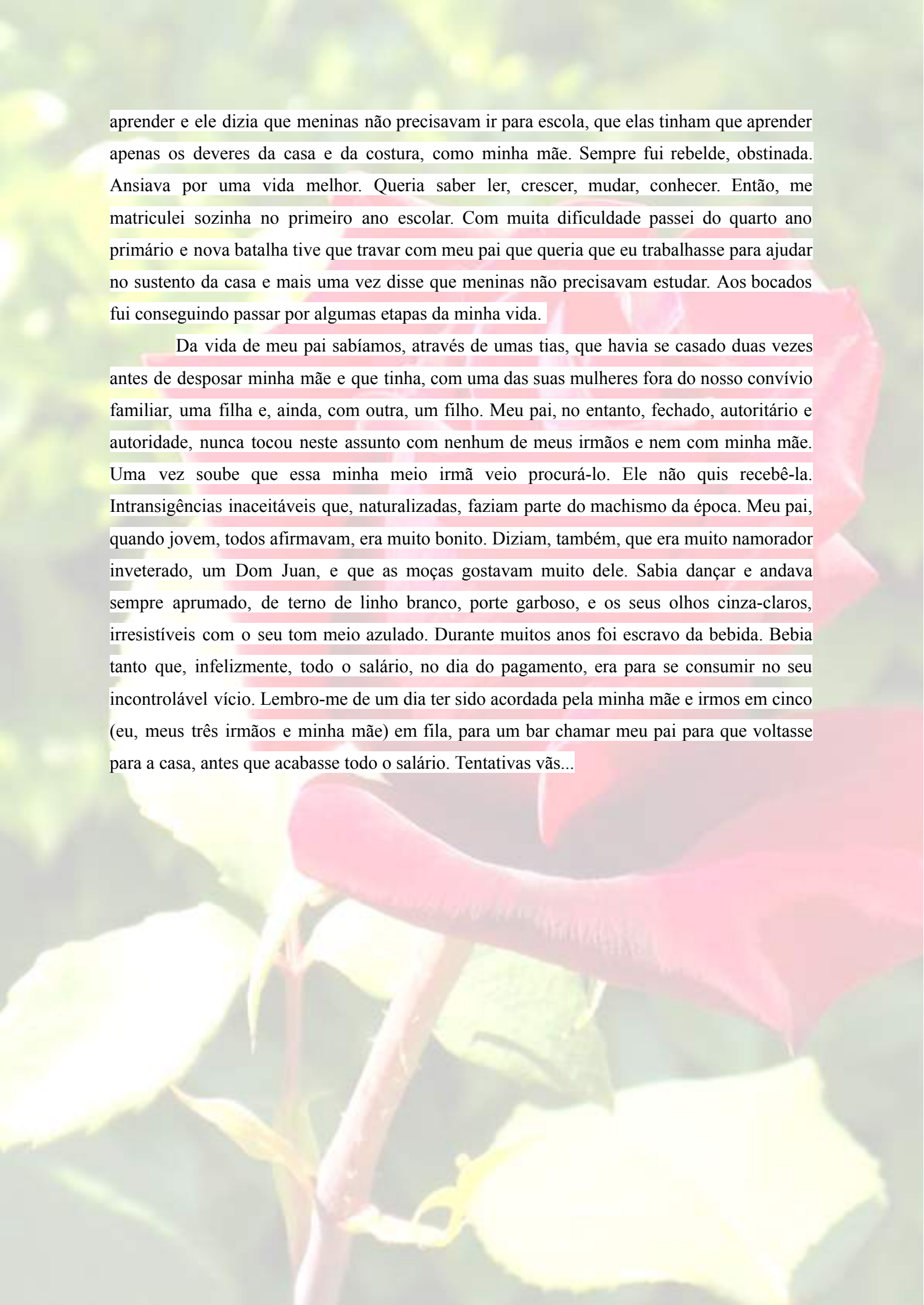
demonstrava coragem no enfrentamento da vida e jamais a víamos desanimada ou triste. Tristeza para quê?... Mesmo quando doente era capaz de enfrentar o mundo. Sempre que dispunha de condições financeiras ia visitar os seus irmãos, estava sempre pronta para ajudar qualquer dos filhos, estivesse onde estivesse.

Éramos pobres, muito pobres. Isso, no entanto, não era motivo para sermos infelizes. A felicidade se constrói no dia a dia... de pequeninas coisas... Comemos, como diz o ditado popular, “o pão que o diabo amassou”. Quando papai trabalhava, ganhava salário mínimo. Era pouco, sim, muito pouco. Mamãe, no entanto, para contornar a situação, não saía da máquina de costura, e só de vez em quando é que não tínhamos nada para comer. Dividíamos, então, o que tínhamos... podia ser até uma bolacha de maisena entre todos. Mas esse biscoito era sempre compartilhado irmãmente. Entre um irmão e outro, como a maioria dos brasileiros naqueles tempos, a diferença de idade é de poucos anos.

Para minha mãe, mulher batalhadora, teimosa, não existia tempo ruim. Trabalhou e foi ativa até o fim de sua existência. Ativa e destemida, sua morte, aos 65 anos, aconteceu exatamente porque foi ensinar o pedreiro a consertar o telhado da nossa casa... então, escorregou e caiu. São as peças que a vida nos prega. Morreu na luta, no trabalho, na lida. Nunca se entregou.

Veja você, minha neta: eu e sua bisavó, até ter meus filhos, nunca conversamos muito. Justifico dizendo que, desde quando comecei a trabalhar e estudar no período noturno, não dispúnhamos de muito tempo para estarmos juntas, para dialogar. Ela pouco me falou sobre sua vida de solteira. Os diálogos eram poucos; os afazeres, em contrapartida, eram muitos. A vida era intensa, corrida, exigente. Tínhamos que dar conta dela.

O meu pai, seu bisavô, se chamava Antônio Bezerra de Souza, filho de Tirbucio Bezerra Tota e de Maria Francisca Tota. Não entendo como se deu para meu pai se chamar Antônio Bezerra de Souza, quando o sobrenome de seu pai era Bezerra Tota, coisas de cartório da época acredito. Não disponho de muitas informações sobre os pais dele e ele, também, pouco falava de seu passado antes de conhecer minha mãe. Conheci três irmãos dele, mas não sei se ele teve mais irmãs, só me lembro que minhas tias diziam que ele era o único irmão homem. Sei, ainda, que era um homem de pouco estudo. Coursou apenas até o terceiro ou quarto ano primário. Quando éramos crianças, ele era muito severo conosco. De poucas palavras, devotávamos a ele uma obediência cega. Com apenas um olhar já entendíamos o que ele queria e ficávamos quietos no nosso canto. Ele trabalhava no período noturno e precisava dormir durante o dia. Em uma casa de apenas um quarto, com muitas crianças a crescer e vontade de gritar, brincar e viver. Logo cedo aprendi a enfrentá-lo, pois tinha sede de



aprender e ele dizia que meninas não precisavam ir para escola, que elas tinham que aprender apenas os deveres da casa e da costura, como minha mãe. Sempre fui rebelde, obstinada. Ansiava por uma vida melhor. Queria saber ler, crescer, mudar, conhecer. Então, me matriculei sozinha no primeiro ano escolar. Com muita dificuldade passei do quarto ano primário e nova batalha tive que travar com meu pai que queria que eu trabalhasse para ajudar no sustento da casa e mais uma vez disse que meninas não precisavam estudar. Aos bocados fui conseguindo passar por algumas etapas da minha vida.

Da vida de meu pai sabíamos, através de umas tias, que havia se casado duas vezes antes de desposar minha mãe e que tinha, com uma das suas mulheres fora do nosso convívio familiar, uma filha e, ainda, com outra, um filho. Meu pai, no entanto, fechado, autoritário e autoridade, nunca tocou neste assunto com nenhum de meus irmãos e nem com minha mãe. Uma vez soube que essa minha meio irmã veio procurá-lo. Ele não quis recebê-la. Intransigências inaceitáveis que, naturalizadas, faziam parte do machismo da época. Meu pai, quando jovem, todos afirmavam, era muito bonito. Diziam, também, que era muito namorador inveterado, um Dom Juan, e que as moças gostavam muito dele. Sabia dançar e andava sempre apumado, de terno de linho branco, porte garboso, e os seus olhos cinza-claros, irresistíveis com o seu tom meio azulado. Durante muitos anos foi escravo da bebida. Bebia tanto que, infelizmente, todo o salário, no dia do pagamento, era para se consumir no seu incontrolável vício. Lembro-me de um dia ter sido acordada pela minha mãe e irmos em cinco (eu, meus três irmãos e minha mãe) em fila, para um bar chamar meu pai para que voltasse para a casa, antes que acabasse todo o salário. Tentativas vãs...



(Julho de 1988)

Bom, seguindo a narrativa, na vida, caminhamos conforme a toada... Eu comecei a trabalhar muito cedo. Meu primeiro emprego foi na casa de uma professora, Dona Gessy, como babá de um bebê, lembro-me bem, um bebê muito pesado. Assim que finalizei o quarto ano primário, fui para casa dela. Quando minha mãe foi conversar com Dona Gessy, disse que eu poderia ficar direto no emprego. Eu sentia saudades de casa, mas só retornava de vez em quando. Aprendi logo cedo que sentimentos como saudades, tristezas não devem ser expressados, pois a necessidade de mais um ser na família a ajudar a colocar comida em casa era mais importante e necessário. A patroa me colocava para dormir no banheiro da casa, numa cama de abrir e fechar. (Acredito, minha neta, que quando você estiver lendo esta carta nem saberá o que é uma cama de abrir e fechar, mas é exatamente assim, abre durante a noite e fecha durante o dia para não tomar espaço). Hoje, imagino que ela me trancava no banheiro, receosa de que o marido dela, durante a noite, se atrevesse a mexer comigo. Aconteceu, porém, que fiquei doente e tive que voltar para a casa.

Fui fazer cursinho de admissão (um cursinho intermediário entre o primário e ginásial, como se chamava na época. Hoje, no Ensino Fundamental, não há mais esta

modalidade de curso). Frequentava o cursinho na parte da manhã e, à tarde, trabalhava. Meu segundo emprego foi como recepcionista em um consultório dentário. Curiosa, adorava ficar olhando tudo que o dentista fazia. Cada pormenor ficou registrado na memória e algum tempo depois, o dentista já não precisava nem pedir para pegar algum instrumento e ou material, já me antecipava entregava tudo em suas mãos. Meses se passaram e fui aprendendo e atiçando minha curiosidade. Quando o dentista começou a faltar eu ficava, como toda criança, mexendo em tudo. Um dia minha prima, com uma tremenda dor de dente, um dente da frente que precisava ser tratado, eu não tive dúvidas. Ela com toda a coragem de uma criança e eu com a coragem de uma atrevida, coloquei-a na cadeira e comecei a tratar o dente. Como estava doendo muito com o movimentar do motorzinho, apliquei-lhe uma anestesia. O rosto ficou inchado por uns três dias, mas o tratamento, ah!... esse ficou perfeito, e o dente nunca mais doeu. Talvez se o dentista não tivesse fechado o consultório eu tivesse seguido esta carreira, caso – é claro! -, se tivesse como bancar o curso em uma faculdade e em período integral.

Essas são algumas curiosidades desta sua avó quando adolescente. Quase nunca fiquei parada sem fazer nada, gostava de trabalhar e tinha esperança de ter um carro. Sempre gostei de ler. Lia muito e, como não tínhamos acesso a livros, lia as telenovelas em revistas encontradas, jornais velhos, coisas assim... Fiz o curso técnico de Turismo e depois prestei vestibular na USP e optei por cursar Letras-Hebraico. Na realidade não foi bem uma opção, foi o que me sobrou. Fiquei com medo de ir à faculdade. Medo do trote. Na sala de aula, encontrei uma japonezinha chamada Nazaré, a Nana, que sorriu para mim. Tornamo-nos amigas e nunca mais nos separamos até a sua partida desta jornada terrena. Nós nos entrosamos de imediato. Vivemos juntas muitas coisas maravilhosas, tivemos muitos momentos bons e fomos construindo nossas vidas com pessoas iguais a nós. Outras pessoas foram chegando e firmamos laços de amizade: Joel, Orlando, Eunice, Márcia, e tantas outras pessoas que passaram a fazer parte da minha vida. Joel, Nana e Orlando foram e são os meus irmãos, irmãos que a vida me deu e que aprendi o significado da palavra amor. Morei com a Nana e o Zé Roberto, seu marido, durante uns dois anos. Depois fui morar em Osasco, na casa do Joel.

Em 1982 conheci o Marcos, meu companheiro de vida. De início, ficávamos nos paquerando enquanto nos vestíamos com nossas vestimentas de moto. Sim, em 1980, comprei minha primeira moto. Uma ousadia para a época. Fui motoqueira até o nascimento de meu primeiro filho Pedro, depois que vi a carinha mais linda do mundo, nunca mais dirigi moto. O Marcos, o homem mais bonito da Letras, era muito paquerado. A partir de então, começamos

a nos ver todos os dias, nos corredores da escola, e no ano de 1983 fui morar com ele na Av. Nova Cantareira, um lugar encantador. Marcos era (e ainda é) lindo, carinhoso, atencioso, gentil e muito, muito inteligente. A partir daí, só nos desgrudávamos enquanto estávamos no trabalho, comíamos até no mesmo prato.

O seu avô, minha neta, Marcos, é dono de uma memória incrível e invejável. Gosta de falar com as mãos, fala e gesticula muito. Ele se lembra das coisas que estudou, desde pequenino, dos livros que leu, dos seus professores. É um falador inveterado. Minucioso, detalhista, gosta demais de falar de política e se reporta aos governantes importantes que passaram pela sua trajetória. Quando se reúne com os amigos, passa horas falando, filosofando. É um educador nato.

E tem uma coisa engraçada sobre o Marcos, sempre tem ao seu lado um anjinho zombeteiro, que carrega os documentos e pertences para lugares ermos e só depois de muito procurar, de nos exasperar, de nos deixar nervosos e cansados é que ele acintosamente os devolve. As vezes procuro junto, mas nem sempre sou bem sucedida. Mas aprendi a respeitar esse anjinho, quando ele quer ele devolve rápido, mas quando não quer demora, demora.

“A vida é luta renhida, que aos fracos abate, e aos fortes só faz exaltar”, como já dizia o poeta Gonçalves Dias. Então, vale registrar que comecei a trabalhar na CETESB no mesmo ano em que ingressei na USP, isto é, em 1978, neste ano completei 44 anos de trabalhos ininterruptos nesta empresa.

Meu trabalho na CETESB iniciou com a atividade de datilografia. Eu era muito boa nisso. Depois de muitos anos passei a atender reclamações da população que se queixa de problemas de poluição do ar advindo de fontes industriais. Cada dia no trabalho é um aprendizado, nunca, nunca sabemos o suficiente para que a população seja bem atendida em suas necessidades. Volta e meia fico chateada por ser agredida pela demora no atendimento às necessidades daqueles que nos procuram. Quase nunca as pessoas retornam para nos agradecer, pois nosso atendimento muitas vezes é precário.

Gosto de ler... sempre gostei. Por gostar muito de ler, fazia fichas dos livros, para não esquecer, mas esqueço sempre. Sou uma pessoa muito esquecida, sempre fui. Então se não deixasse registrado, não sabia que tinha lido tal livro. Depois me apaixonei pela leitura de livros espíritas. Li vários e vários romances, até que entrei num curso de apometria (estudo de formas de cura com tratamento espiritual, baseado no desdobramento do paciente e na separação dos múltiplos corpos e níveis do ser humano). Trabalhei na apometria durante mais de dez anos. Fazia este trabalho no período noturno. Aí, veio a pandemia, então me afastei um pouco dos trabalhos espíritas. Com o passar dos anos, fico cansada, então durmo muito cedo...

às vezes caio no sono antes das oito da noite. Não deixo, no entanto, de ligar a TV para ver um filme antes de dormir.

Não sou costureira como minha mãe, não deu tempo de aprender. Faço algumas peças na costura, até malas de carrinho para viagem; no crochê, no bordado e no tricô, talvez quando aposentar me dedique a fazer essas coisas com mais afinco, ou irei apenas ficar sem fazer nada e de papo para o ar, ou deitada numa rede, quem sabe? Gosto, gosto muito desses afazeres domésticos.

Um dos maiores sonhos era tirar uma sesta após o almoço, permanentemente e não apenas nos finais de semana. Não sou de fazer serviços caseiros, limpezas essas coisas, por causa das dores na coluna, mas gosto de cozinhar... adoro cozinhar para muitas pessoas. Minhas panelas são todas grandes. Se pudesse, minha casa estaria sempre cheia de pessoas, repleta de amor e de guloseimas.

Tivemos, eu e meu marido, três filhos, lindos e maravilhosos: Pedro, Heitor e Luísa. As vezes nos tornamos repetitivos, principalmente quando vamos falar de filhos, mas eu não seria justa comigo mesma se não disse que meus filhos são minha vida, meu ar. Assim como agradeço meus pais por ser quem sou, eu não seria o que sou sem meus filhos. Eles me transformaram numa pessoa mais digna, mais justa, mais amorosa, com mais vontade de estudar, de conhecer o mundo, para melhor amá-los. Então, sou imensamente grata a eles por terem me escolhido como mãe.

O Pedro tem uma veia política, é lindo, muito inteligente, geminiano, carinhoso, sabe discursar muito bem. Ingressou na USP para fazer história, cursou até o quarto ano, mas não terminou, depois entrou na letras, administração e depois na Pedagogia. Não terminou ainda nenhum dos cursos. Deixou também de militar na Política. Mas gosta muito de falar de política, é muito claro e conciso. Passa horas discursando sobre seus pensamentos. Como eu, ele foi o primeiro neto de sua bisavó Maria e o terceiro neto de sua bisavó Ruth, mãe do seu avô. Foi uma criança muito ativa, dava um trabalho danado. Como todo geminiano logo criou asas, então, sempre que escuto a música da Banda Maskavo - "Asas" me lembro dele, "você parece um anjo, só que não tem asas, ... Oh, meu Deus!, quando asas tiver, passe lá em casa...". Para ele, entrar numa festa nunca tem tempo ruim, gosta muito de aventuras, de viajar, de ir atrás de se divertir. Costuma estar com os primos e curtir-los. Muito responsável com a questão do trabalho, da amizade duradoura, mas é tímido demais. Gosta de companhia para suas aventuras. Gosto de observá-lo, pois o vejo como um bom conciliador e muito eficiente, sempre com ideias criativas e inteligentes.

O Heitor é belo, de uma beleza cativante, bem-apresentado, atraente, uma sumidade, também entrou na USP na Politécnica. Logo que terminou o curso, já entrou para o mestrado. Aos trinta anos foi morar em Dublin. Estuda muito e é esportista. Gosta de esportes. Atualmente é um exímio nadador, mas já gostou de judô, tênis de mesa, tênis, badminton. Heitor não gosta muito de ficar conversando, principalmente quando é conversa fiada (termo utilizado para conversas de fofocas, de abobrinhas ou de banalidade); ao perguntarmos alguma coisa a ele, responde com pouquíssimas palavras. Muito econômico, prático e sempre, sempre muito elegante. Onde está chama a atenção por seu porte atlético e sua elegância. É uma pessoa que procura ser muito justa; em qualquer conflito tem sempre uma solução rápida, prática, simples, sem delongas. É (quase) perfeito em tudo que faz, estuda muito e sobressai naquilo a que se propõe. É sensível e compreensivo, procura não se envolver em conflitos, porque sempre preza pela paz e ética.

A Luísa, minha caçula linda, quando bebê nos deu bastante trabalho. Com um ano e meio teve uma espécie de involução celebrer. Fez inúmeros tratamentos: massagens, fonoaudiologia, hidroginástica, natação etc. A vida dela sempre foi muito ativa. Durante a semana, ia pela manhã a fono, depois passava o dia na creche, a tarde ia diretamente ao massagista, depois natação ou judô. Aos cinco anos melhorou de tudo e começou a falar e andar normalmente. Entrou na USP em bacharelado de química em São Carlos e, após se formar, entrou para Licenciatura em Química. Passou dez anos na USP e depois retornou à casa. É professora eventual do Estado. Atualmente faz o mesmo curso de pós-graduação comigo, além de pilates e outras ginásticas. Gostamos muito deste período que estamos vivenciando. Luísa é uma questionadora nata, está o tempo inteiro a busca de se autoconhecer. Discute com todos quando contrariada, principalmente comigo. O tempo inteiro encontra porquês para todos os assuntos. É intensa nas suas opiniões e antes de aceitar um não quer saber todas as possibilidades de um sim. Quando conhece seu opositor vai até o extremo para mostrar suas opiniões que normalmente são bastante inteligentes e não existe meio termo. Dedico à Luísa a música do Gilberto Gil, “Há de surgir uma estrela no céu cada vez que você sorrir, há de apagar uma estrela no céu cada vez que você chorar, o contrário também pode acontecer...”

Não sei ainda de que filho você virá ao mundo, um novo herdeiro, pois todos eles são bastante tímidos, dizem que não querem se casar, que não querem ter filhos, mas sei que logo, logo você virá, e será nosso encanto, um presente desta vida. Desculpe-me o tempo inteiro lhe chamar de neta, caso você seja meu neto, mas foi apenas para facilitar a linguagem no

decorrer desta missiva, e já me antecipando, agradeço a você personificar e nos conceder este presente. Sei que você será muito, muito amado ou amada por toda a família.

Assim como eu fiz, todos os filhos saíram de casa quando ingressaram nas respectivas faculdades. Claro que eu gostaria de tê-los sempre por perto, debaixo de minhas asas, como se diz popularmente. Mas não, tenho certeza de que criamos filhos para a vida, criamos filhos para que empreendam os seus próprios voos. E eles voam, voam tanto e por plagas às vezes tão distantes que é difícil nós nos vermos. Tenho, todavia, em mim a certeza de que estão sempre bem.

Como mãe, sempre fui muito prática com as crianças. Sempre cuidei muito mais das coisas do dia a dia: dar banhos, fazer almoço, comprar e cuidar das roupas, acompanhar nas tarefas escolares, pelo menos até o término do Ensino Fundamental. Depois desta fase, quando precisavam de orientações com as lições, procuravam seu avô, sempre um norte, uma bússola, um porto seguro.

Sei que ter filhos é se perguntar o tempo todo. Será que estamos fazendo a coisa certa? Onde será que errei, ou será que não errei? De uma coisa, no entanto, tenho certeza: meus filhos são lindos, educados, livres e pessoas de bem, de bom caráter. São responsáveis e amorosos.

Falar de mim mesma, constato agora, é um pouco difícil porque a gente sempre se vangloria e acaba ficando pedante. Falta-nos humildade. Gostaria que você, meu destinatário, saiba que hoje tenho muita certeza e agradeço demais por meus pais serem quem foram e por terem me criado da maneira como me criaram. Eles são o início de tudo e foram a causa de eu ter me tornado quem hoje sou. Sem eles eu não existiria. Graças à força de minha mãe e a maneira de meu pai eu me tornei esta pessoa forte e, com certeza, não teria nada do que tenho.

Eu trabalhei sempre, desde muito cedo. Conto esses pormenores para você saber. Eu, de acordo com a legislação vigente à época, obtive minha aposentadoria aos 42 anos, mas até a presente data continuo trabalhando. Estudei na USP Letras-Hebraico-Português. Entrei na PUC e fiz Português e Linguística, mas no último semestre abandonei para cuidar do Pedrinho. Depois que nasceram os três filhos fiz Pós-Graduação em Gestão Ambiental e, neste ano, frequento este curso, também a nível de Pós.

Fiz alguns anos de dança de salão. Ah! como gostava de dançar! Nunca, porém, aprendi o bastante. Sempre senti que ainda faltava muito para poder me apresentar, mas dançava muito e apreciava todos os ritmos. Quis praticar Kung-Fu, fui até a graduação da

faixa marron, mas uma necrose no fêmur me colocou fora desses esportes. No momento gosto de fazer pilates.

Sou a filha mais velha de minha mãe, e, seguindo o meu exemplo, todos os meus irmãos com exceção do seu tio-avô Edson se dedicaram ao estudo e angariaram alguma formação. Meu mano Edson não quis estudar. Teve uma vida difícil, aliás, muito difícil. Ele se envolveu em muitas encrencas e nos deixou muito cedo. Meu irmão Geraldo, seu tio-avô, era muito querido: o xodó de meus pais. É administrador. Sempre trabalhou em empresas no ramo de fertilizantes. De vez em quando, discutimos por causa disso. Ele adora esportes e dança. Casou com Laurinda e nos presenteou com duas sobrinhas lindas, Mariah e Sarah... Fernando, meu outro irmão, é administrador. Fez especialização em Psicanálise. Sempre achei que ele gostaria de dedicar mais tempo a esta área. É casado com Cleide. Desta união nasceram dois sobrinhos lindos, o Felipe e a Stefani. Após três meninos, minha mãe engravidou da Eliane, irmã querida. Brigamos muito quando éramos crianças, por ciúmes uma da outra. Ela é uma excelente educadora. Sempre que possível viajamos juntas. Conhecemos muitos lugares. Casou-se com Mário e desta união advieram dois lindos sobrinhos, o Ravi, meu afilhado e a Aimeé.

A Aimeé, filha da Eliane, é a mãe da minha primeira sobrinha neta, a Amarilis (por parte de minha mãe). É, na sequência, a terceira sobrinha neta. Tenho dois sobrinhos netos, filhos da minha afilhada, ou seja, da Bruna, por sua vez, filha da Ana, minha cunhada.

Ainda falando de meus irmãos, Sérgio é advogado. É um amor de pessoa. Casado com Eliane, podemos contar com ele para tudo. É pai de mais dois outros sobrinhos, Rafael e Juliana. Célia, linda, minha afilhada, graduada em Letras, trabalhou com educação por pouco tempo, mas preferiu trabalhar em banco. Dela, nasceu um sobrinho o Artur, mãe solo. A Cátia, minha irmã caçula, é advogada e conselheira de todas as irmãs. É uma pessoa que sempre procura ajudar e briga por qualquer das irmãs. Procura unir e abraçar todos nós. É mãe de três filhos maravilhosos, Caíque, Camila e Mariana, minha afilhada.

Família é um clã. Todas as cunhadas bem como os cunhados, cada qual a seu modo, são maravilhosos e se tornaram irmãs e irmãos.

Na época em que estamos, era da informática, ninguém mais quer saber de escrever cartas, todos tem seus contatos, através do *whatsapp*, *facebook*, *instagram*, etc. Vivemos o tempo da pressa. Ninguém mais tem tempo para nada. Todas as comunicações são rápidas, coloquiais. Todos estão, de certa forma, em contato com todos. As cartas ficaram obsoletas. As coisas ganharam uma velocidade tão grande que não imagino sua reação quando receber

esta carta. Será, certamente, algo no mínimo estranho. Tudo, no entanto, faz parte de aprendizado, aquisição de conhecimento, não é?

Solicitei a algumas pessoas que me escrevessem uma carta para eu anexar aqui, para que você me veja, não apenas com o meu olhar, mas, também, com o olhar daqueles que me amam e me querem bem. Comecei pelo Joel, meu irmão de vida, de aventuras (e desventuras), de sonhos, que é, a meu ver, a maior sumidade. Sei que ele me ama como eu o amo. Ele me respeita e está sempre comigo, principalmente nos estudos, porque como não sei escrever, e, para dirimir as minhas dúvidas, é sempre dele que me vem a ajuda.

Assim, eu quero te dizer, minha querida neta, que ainda não te conheço e nem sei se vou te conhecer mas que já te amo muito e deixo um abraço grande para você e me despeço com um beijo carinhoso.

Desejo, ainda, de coração, que na sua vida você consiga mais realizações que eu alcancei... Aos poucos vou descobrindo que pouco falei de minha vida, de mim mesma, de meu marido, de meus amigos, de meus irmãos e principalmente de meus filhos que são meu ar, e que espero que você seja como sua bisavó ou tataravó, procrie bastante, tenha muitos e lindos filhos.

Anexo na sequência a carta do Jô, Joel, meu querido irmão, a do Marcos, seu avô, da Luísa, do Pedro e do Antonio Carlos, um amigo querido que trabalha comigo e é meu parceiro nas muitas venturas e desventuras do dia-a-dia do serviço, outras pessoas que se comprometeram, cobrei por três vezes, disseram que sim, mas não me mandaram em tempo hábil, portanto, termino por aqui, dizendo que talvez tenha ainda muito que contar, mas fica para a próxima.

Ah, em tempo, ao comentar com meu filho Pedro, sobre esta carta, ele disse: - mãe, porquê não me pediu, "eu teria lhe escrito". Então, como sempre ainda é tempo, vou anexar aqui mais algumas cartas que falam de mim, principalmente a do Pedro, que amor, que lindo, você constatará minha palavras e se emocionará tanto quanto eu.

Espero que você tenha o mesmo prazer, emoção que estou tendo ao ler cada uma das cartas que me foram escritas.

01. CARTA DE JOEL CARDOSO

Belém, 22 de abril de 2022.



Em Belém, 2018.

Olá, Edilene..

*Há muito tempo, sim, que não te escrevo...
Ficaram velhas todas as notícias...
Carlos Drummond de Andrade,
versos iniciais do poema 'Carta'.*

Minha amiga, bateu uma saudade aqui no meu peito, então eu me sentei e comecei a escrever esta cartinha. Hoje já quase ninguém mais escreve cartas. Quando muito, enviamos uma mensagem, ou então nós nos comunicamos brevemente pelas redes sociais. As mensagens são quase sempre breves, telegráficas. Ninguém mais tem tempo para ler 'textão'. Mas vamos voltar aos bons tempos... Vamos, no compasso da saudade, recordar... Puxe uma cadeira!... Sente-se, aqui, do meu lado!...

Sim, menina, o tempo passou e eu rememoro agora tantos momentos que atravessamos juntos. Conhecemo-nos muito jovens ainda. Trazíamos dentro em nós todos os sonhos do mundo. Éramos demasiadamente otimistas e acreditávamos piamente que podíamos interferir em tudo... melhorar tudo... consertar os desacertos do mundo... Tínhamos ingenuamente soluções para tudo. Você se lembra? Amanhecíamos vestidos de

sonhos e saíamos para as turbulências da vida em busca de um sentido maior e definitivo para tudo... queríamos, mais que tudo, amar e ser amados... queríamos ser felizes no limite do improvável e, utopicamente, moldávamos o mundo no compasso dos nossos desejos... Os sonhos, os desejos nos impulsionavam. Não sabíamos bem o que queríamos, mas queríamos algo maior, mais grandioso, algo que não sabíamos muito bem o que era... era, certamente, algo que desse sentido às nossas trajetórias...

Repito: o tempo passou, minha amiga!... Hoje, quase nada mais resta das nossas antigas utopias. O mundo é bem outro. Nós mudamos. Mas eu me lembro bem de você. Conhecemo-nos na USP, uma instituição elitista. Era um sonho que estivéssemos lá. Você, aluna de hebraico; eu, de português e alemão. Você, uma garota da periferia, de família humilde e pobre... Eu, o filho enfeitado por ser quem eu era... Não tínhamos dinheiro pra nada. Éramos os estudantes pobres numa conjuntura de 'filhinhos de papais'. Ambos, quis o destino, nos cruzamos nas nossas andanças universitárias. É claro que nós nos identificamos de imediato. Pobres, sem recursos, íamos 'de carona' para as aulas. Dependíamos também 'de caronas' para voltarmos à casa. Fazíamos de tudo uma festa. Vitimização?: jamais!...

Sonhadores, amávamos e ainda amamos as palavras. Somos seres do discurso. A música, a arte, a poesia nos uniu, nos moldou, nos deu rumos paralelos. Amávamos as noites, os shows, os espetáculos. São Paulo, no nosso tempo, ainda era uma cidade segura. Tinha muito a oferecer. Ainda tem... mas em circunstâncias bem diferentes. As rodas de amigos eram ainda rodas de amigos. Saíamos para os nossos encontros com a arte e perdíamos a noção do tempo, da hora. Bom mesmo era estarmos juntos. Era o que importava.

Lembro-me de você flertando em busca do primeiro amor, enquanto a sua escolha definitiva não chegava. Lembro-me do tempo em que partilhamos o mesmo teto, na minha casa da Vila Yara, em Osasco (Rua Matheus Bariani, nº 12). Lembro-me de você, primeira mulher motoqueira, a escandalizar quem nos conhecia.

Viver é seguir em frente partilhando um passado, um passado que, dentro de nós, nunca morre. Que sempre ressurge e se presentifica. Que sempre interfere em nossas vidas. Somos o que somos porque vivemos o que vivemos.

Escrever essa missiva a você é voltar a um tempo que aos poucos se perde nas brumas de uma era que não mais vai retornar. Na pressa que caracteriza a vida moderna, já nem mesmo se escrevem mais cartas. Inacreditável, mas nós somos 'das antigas'. Somos do tempo das fitas cassete, dos discos de vinil, dos long-plays, dos compactos

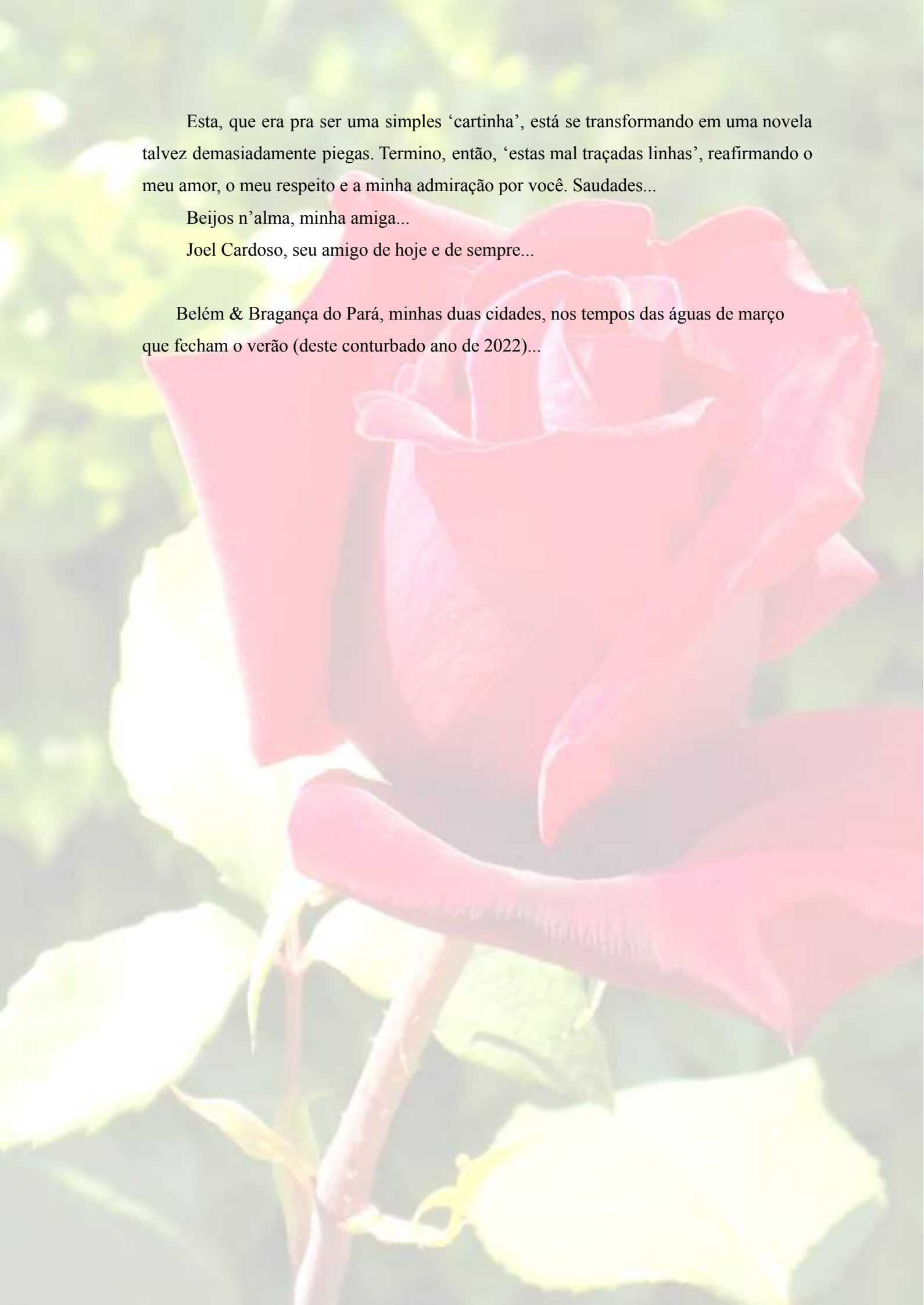
simples e duplos, dos CDs e, depois, dos DVDs. A seguir vieram as gravações em pen-driver. Agora, tudo acontece online, em tempo real. Já não há necessidade de portar absolutamente nada. Arquivamos tudo nas nuvens. Hoje, tudo o que vivemos faz parte de uma história cada vez mais distante, mais obsoleta...

Quanto tempo faz? Vinte, trinta, quarenta, cinquenta anos?... Mas, o que importa? A amizade, quando verdadeira, não conhece distâncias espaciais ou temporais. Na minha imaginação, você, rindo de tudo, é ainda aquela garota cheia de vida, destemida, entusiasta, quebrando tabus, vencendo preconceitos, lutando pelas coisas e ideais em que acreditava. Hoje, falta determinação, faltam objetivos para os nossos jovens. Naus sem bússola, os nossos jovens, com raras exceções, caminham ninguém sabe pra onde. Nem eles mesmos sabem. Vivemos a era das aparências. Parecer, e parecer bem, é o que realmente importa. A essência do ser se perde. Estamos na era do 'ter' e não mais do 'ser'.

Creio que esta missiva, além de saudosista, está ficando piegas e um tanto romântica demais. Mas conversa entre amigos é assim mesmo. Com os amigos de verdade, somos nós mesmos, dispensamos as etiquetas, as formalidades. Nós os recebemos em casa sem ter que nos desculpar pela bagunça do lugar. Continuamos de *shorts*, de pijamas, ou de chinelos... E isso não tem importância nenhuma. O que importa é a alegria do reencontro, da presença. Presença que tem se tornado cada vez mais rara, pois quase tudo, hoje em dia, se resolve virtualmente. É como se o tempo não tivesse passado. É como se tivéssemos nos encontrado ontem.

A Edilene de hoje, a minha 'Di', tem ainda muito dessa menina que conheci. Tornou-se, é bem verdade, uma mulher. Uma mulher forte e guerreira. Lutadora e verdadeira. Ama e odeia com a mesma intensidade. É transparente quanto às ideias, quanto aos projetos, sem ser, no entanto, agressiva. Defende o que acredita com firmeza, porém com respeito e leveza. É mulher, é mãe, é companheira, é irmã e amiga. Naturalmente, feminina e feminista, sem ostentações baratas e redutoras.

Lembro-me, também, de você nas pequeninas coisas que compõem o cotidiano. Cuidar da casa, preparar cuidadosamente os alimentos, abrir uma cortina para ver o dia lá fora, cuidar do jardim, espiar o sol, saudar o vento, receber os amigos, rir de tudo e de nada, amar a natureza e o natural... São gestos e atos da rotina que caracterizam as pessoas, revelando-as como realmente elas são. Nas pequeninas coisas temos a oportunidade de reconhecer a grandiosidade e as nuances de uma alma.



Esta, que era pra ser uma simples 'cartinha', está se transformando em uma novela talvez demasiadamente piegas. Terminei, então, 'estas mal traçadas linhas', reafirmando o meu amor, o meu respeito e a minha admiração por você. Saudades...

Beijos n'alma, minha amiga...

Joel Cardoso, seu amigo de hoje e de sempre...

Belém & Bragança do Pará, minhas duas cidades, nos tempos das águas de março que fecham o verão (deste conturbado ano de 2022)...

**02. CARTA/DEPOIMENTO DO MEU COMPANHEIRO DE VIDA,
MARCOS**



Setembro de 2017.

Edilene, que ideia genial essa sua de escrever para nossa neta. Então, vou aproveitar o que eu escrevi para o trabalho da Pós, que creio vai servir para que ela possa te conhecer um pouco mais, a partir do meu ponto de vista.

Lá vai ...

“Encontramo-nos nos corredores da Faculdade de Letras Eu iniciando meu segundo curso superior e ela terminando a graduação em Hebraico! Uma pernambucana de Pesqueira com bacharelado em Hebraico pela USP. Uma combinação inusitada!

O que me atraiu, inicialmente, não foi o impacto de sua beleza física, a qual foi me impressionado mais e mais a cada encontro; mas sim, sua potência de vida. Uma pessoa que mal conseguia tocar os pés no chão ao montar sua motocicleta, sem medo algum de trafegar sozinha por circunstâncias que, percebi, depois, eu mesmo não ousava fazer. Sua independência, às vezes, causa até irritação: recusa-se a pedir auxílio em diversos processos que se tornariam muito mais fáceis se compartilhados.

O encontro dos dois ocorria no corredor da faculdade onde deixávamos as motos (um corredor aberto, mas que também servia de calçada para pedestres ... Outros tempos, antes da existência do cinto de segurança nos carros e outros aparatos de segurança pública, como estacionamento para motos!

Após as aulas, nos preparávamos para o retorno à casa, pondo as luvas, enrolando o cachecol no pescoço, e terminando com a colocação do capacete, observando, furtivamente o outro, sem qualquer palavra, apenas um cruzamento de olhares (descuidados?). Até que um dia, após chegar ao fim do corredor atingindo a rua em que, costumeiramente, nos dirigíamos para destinos opostos, eu para a Zona Norte da Cidade e ela para Osasco, paramos e trocamos algumas palavras, marcando um encontro ... que perdura por trinta e nove anos!

Dona de uma determinação sem igual, a começar pelo trabalho na CETESB, no qual permanece mesmo depois de 44 anos de ingresso, Di, como eu a chamo, é uma artesã em diferentes fazeres artísticos. E, tudo, numa escala imensa. Tudo o que faz é em tamanho GG.

Se dá na sua telha fazer crochê, produz colchas, tapetes e outros produtos, pesquisando novas formas continuamente.

Eu até tentei aprender, mas não passei da primeira lição: fazer uma carreirinha. Além de torto, um pedaço fica mais firme do que o outro.

Sinceramente, é muita força de vontade ficar noites seguidas até chegar ao resultado desejado; e, um mais bonito do que o outro. Depois de um certo tempo, acha alguma outra arte e se dedica até virar mestra.

Na culinária, outra de suas especialidades, prepara pratos incríveis a partir de qualquer coisa que tenha à mão. Eu abro a geladeira e não vejo nada que possa preparar; ela abre a mesma geladeira e num instante tem uma comida deliciosa para nos servirmos.

Tem vezes que eu acho que é pura mágica, como no filme *A Feiticeira*, mexe o nariz e, voilá, a comida está pronta! Tem até um fã clube entre as minhas colegas de trabalho pelos bolos e patês que eu levo de vez em quando. Esta sua arte culinária ela pôs a serviço de uma dupla de garis que fazem a varrição da rua de casa, às sextas-feiras.

Certa vez, alguns meses atrás, ofereci aos trabalhadores um pequeno café da manhã, numa mesinha que improvisei junto ao portão. Apenas um café e pão com manteiga. Então, ela se apropriou da ideia e eu passei a ajudante de cozinha. Hoje em dia, semanalmente, o Sr Carlos e o Sr Raimundo sentam-se à mesa arrumada na varanda de casa, fazem sua refeição matinal e levam um farnel para o almoço, com frutas e bolos.

Dedicação mesmo, no entanto, é o que ela tem pelos filhos! Dois moços, Pedro e Heitor, e a Luísa. Apesar de todos já grandes e com vida própria, não há um momento em que ela não esteja preocupada.”

No ano 2022, completamos trinta e nove anos juntos, é um bocado de tempo! Construimos uma vida a dois difícil de encontrar nos dias de hoje. Não sem alguns percalços ... e, permanecermos juntos apesar deles mostrarem o tamanho de nosso amor. Conhecemos pouquíssimos casais que permaneceram juntos por tanto tempo, não é?

Você é um exemplo de ser humano grandioso, incansavelmente procurando fazer sempre o melhor em tudo que se propõe a realizar. Te amo! Te amo muito !!!

Marcos

São Paulo, 12 de julho de 2022

Anos de aprendizados e observações

03. CARTA DA MINHA FILHA LUÍSA



Luisa – (2015)

Querida mamãe,

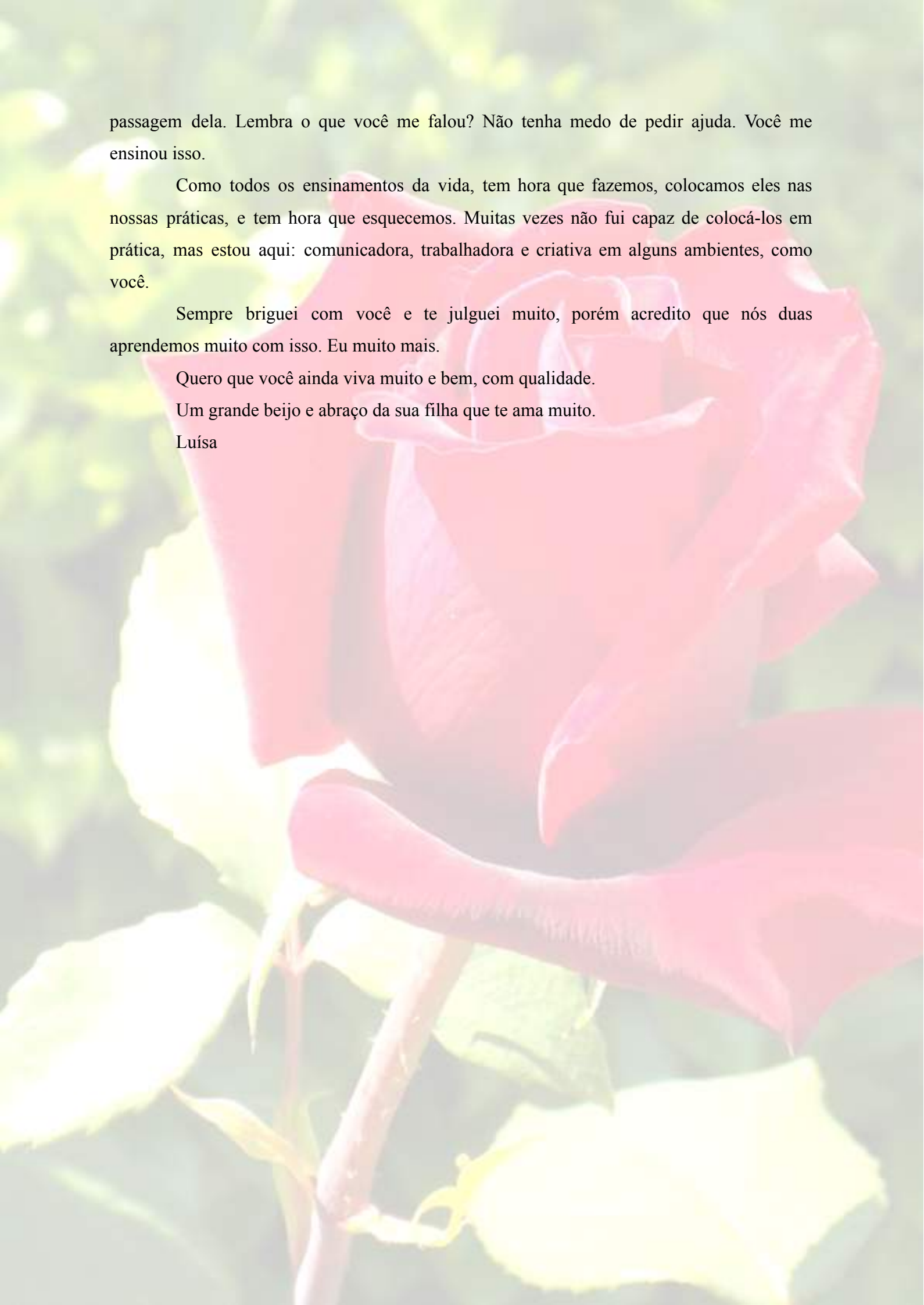
Uma característica marcante em você que eu admiro muito é a sua capacidade de fazer coisas. Você é uma pessoa proativa e cuidadora. Você criou três filhos lindos e capazes, com certa distinção entre eles, (Mas quem é igual ao outro?) Sem se importar se era difícil para você e se importando muito para que não fosse difícil para a gente.

Também é uma mulher com suas convicções. Tem um pouco de medo de mudança, mas não posso julgá-la, também tenho vários medos.

Nestes dois anos de pandemia vi você trabalhando com qualidade e quando chegava em algum obstáculo simplesmente dava um jeito de atravessá-lo, com ética. Estudando e se dedicando nos espaços que tiveram abertura para isso.

Lembre-se: (e aqui eu quero colocar um pouco das minhas habilidades, vindas da minha família) você não é muitas e seu corpo já está te falando isso. Que tal pedir ajuda de vez em quando?

Lembra de um dia que estávamos na rodoviária, eu estava precisando ir para São Carlos enquanto você me acompanhava. Nesse momento, eu tinha que preencher a minha passagem e não tinha uma caneta fácil, minha, mas tinha uma pessoa ao lado já preenchendo a



passagem dela. Lembra o que você me falou? Não tenha medo de pedir ajuda. Você me ensinou isso.

Como todos os ensinamentos da vida, tem hora que fazemos, colocamos eles nas nossas práticas, e tem hora que esquecemos. Muitas vezes não fui capaz de colocá-los em prática, mas estou aqui: comunicadora, trabalhadora e criativa em alguns ambientes, como você.

Sempre briguei com você e te julguei muito, porém acredito que nós duas aprendemos muito com isso. Eu muito mais.

Quero que você ainda viva muito e bem, com qualidade.

Um grande beijo e abraço da sua filha que te ama muito.

Luísa

04. CARTA DO MEU FILHO PEDRO

Querida Mãe

Parabéns pelo curso que você está fazendo e pela ideia que teve de escrever essa carta e eu gostaria de contribuir mostrando um pouco de como te vejo.

Eu realmente não estou acostumado a escrever cartas, com o mundo atual altamente conectado a internet e com meios muito rápidos de comunicação, a carta e sua forma de escrita se tornaram um mistério para mim, por isso tive bastante dificuldade para começar esta daqui (E confesso que só comecei depois de tomar uma dose de whiskey kkkkk).

Eu sei que é muito difícil transformar em palavras os sentimentos que temos, a linguagem é a forma de traduzir as idéias que temos, mas essa tradução não é perfeita, muitas vezes as palavras têm diferentes significados para as diversas pessoas. E nesse caso, de tentar mostrar como eu te vejo, essa dificuldade é muito maior, pois o sentimento é muito grande e as palavras parecem não ser suficientes.

Tem uma música do Zeca Velozo, “Todo Homem”, que me lembra dessa dificuldade de tradução dos sentimentos.

“O sol, manhã de flor e sal
E areia no batom

Farol, saudades no varal
Vermelho, azul, marrom

Eu sou cordão umbilical
Pra mim nunca tá bom

E o sol queimando o meu jornal
Minha voz, minha luz, meu som

Todo homem precisa de uma mãe
Todo homem precisa de uma mãe

O céu, espuma de maçã

Barriga, dois irmãos

O meu cabelo negra lã

Nariz, e rosto, e mãos

O mel, a prata, o ouro e a rã

Cabeça e coração

E o céu se abre de manhã

Me abrigo em colo, em chão

Todo homem precisa de uma mãe

Todo homem precisa de uma mãe

Todo homem precisa de uma mãe

Todo homem precisa de uma mãe”

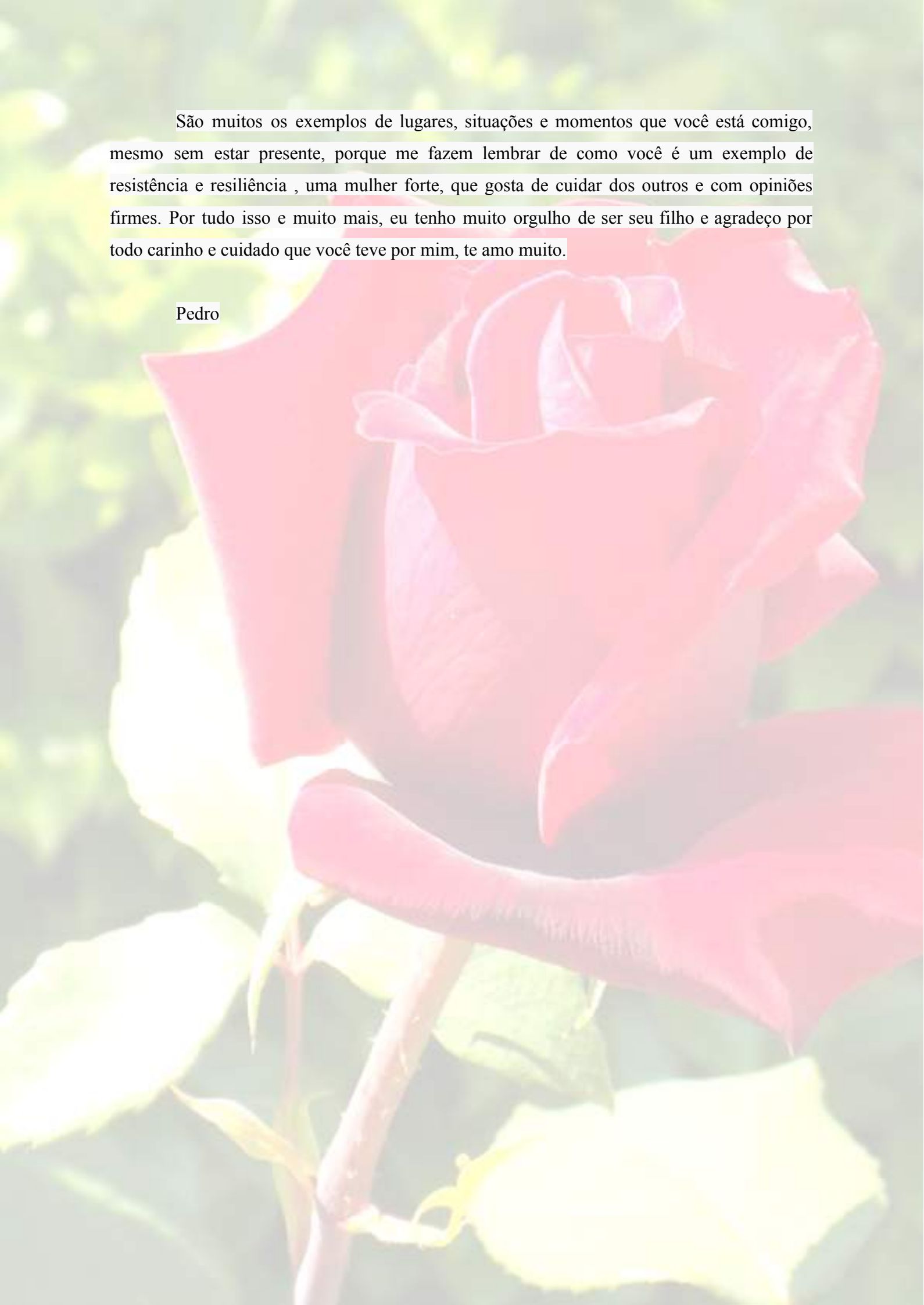
São sensações e lugares que nos fazem lembrar das mães, pelo menos este é o meu sentimento quando escuto a música.

Eu sempre lembro de você quando leio um livro. Você sempre me incentivou a ler. Me lembro quando era criança e você pagava um real para cada livro que eu lia, e essa era a forma de me dar mesada (lembra disso?), eu me lembro de tentar ler o maior número de livros possíveis para tentar ganhar mais dinheiro, e depois tinha que escrever um resumo do livro para provar que tinha lido. Minha paixão pela leitura começou naquele momento e continua até hoje.

Todas as vezes que fazemos encontros com a família, mesmo quando você não pode estar presente, nos lembramos de você. Sempre nos lembramos de como você nos recebe em sua casa, como muita comida (principalmente as entradas), conversas e, se possível, um jogo de buraco. Nestes encontros nós reconhecemos como somos felizes pela família que temos e como você ajudou a construir este sentimento.

São muitos os exemplos de lugares, situações e momentos que você está comigo, mesmo sem estar presente, porque me fazem lembrar de como você é um exemplo de resistência e resiliência, uma mulher forte, que gosta de cuidar dos outros e com opiniões firmes. Por tudo isso e muito mais, eu tenho muito orgulho de ser seu filho e agradeço por todo carinho e cuidado que você teve por mim, te amo muito.

Pedro



05. CARTA DO MEU AMIGO ANTONIO CARLOS

Muito querida Edilene,

Há dias estou pensando em lhe escrever esta carta, mas você é testemunha de que fazemos duração curta para os nossos dias, embora sonhemos que o tempo deles sejam, suficientemente, lento para nos possibilitar cumprir tudo o que queremos fazer, inclusive o necessário para alimentarmos e mantermos os laços de amizade que construímos ao longo de nossas vidas.

E nossas vidas são mesmo engraçadas (mesmo quando tristezas estão a nos rondar). Passamos bastante tempo ao largo das pessoas sem perceber o quanto elas são interessantes e merecedoras de amizade. Lembro, de muitos anos passados, de encontros que tivemos, lá em Nazaré Paulista, todos os filhos pequenos, nos quais com você coexistimos momentaneamente. Devo também, ter me esbarrado com você em algum corredor do prédio onde trabalhamos ou nos momentos de votação nas Assembleias de nosso Sindicato. Muitas vezes, mas não o suficiente para nos descobrirmos amigos.

Muitas lutas rolaram. As tuas (de mãe, trabalhadora), as minhas (de pai, trabalhador) e a nossas coletivas. Foram estas lutas, a do cotidiano e das contrariedades causadas pelo trabalho, que nos aproximaram. Essa aproximação permitiu o conhecer de um/uma ao outro/outra.

O terreno desse conhecimento é arado pela admiração que cultivamos reciprocamente. À parte de nossas idiossincrasias, que às vezes nos fazem ranger os dentes, não se tem registro, momento dessa amizade que arranhasse os nossos sentimentos.

Se o encontro foi inesperado, a manutenção dele dependeu exclusivamente da nossa constituição como pessoas, de nossas histórias pessoais. Das minhas, uma verdadeira preparação para amar uma pessoa forjada pela simplicidade que lhe atribui inocência e pureza; pela sinceridade que se revela na sua mais clara transparência; na compaixão que lhe caracteriza a bondade; e, na solidariedade que culmina na sua amorosidade.

Falo de você, minha querida amiga, e do quanto sou grato por contar com você para lhe segredar as minhas felicidades e tristezas, atendo por saber o seu pensamento, sua opinião.

De novo a pressa, o prazo. Por fim nesta carta. Colocar fim nesta carta. Mais tempo pudessemos fazer fluir lento, muitos episódios, por nós vividos, nos últimos anos, poderiam

ser aqui elencados para ilustrar a imensidão do respeito e a vastidão do carinho que dedicamos a nós.

Do seu amigo,

Antonio Carlos



CONSIDERAÇÕES FINAIS

O tempo, esse narcótico veneno,
A dor, essa letárgica bebida,
O desejo, essa voz enrouquecida,
E a saudade, o distante e branco aceno.
(Cabral do Nascimento³)

Chega uma hora em que temos que finalizar. Há, no entanto, ainda tanta coisa a dizer. Mas se nós nos deixarmos levar pelo fluxo dos nossos pensamentos, com certeza, não vamos finalizar nunca.

Gostei de ter feito este percurso. Foi uma forma de auto avaliar, de me confrontar comigo mesma. Acordei velhos fantasmas do passado. Despertei anjos adormecidos. Hoje momentos nostálgicos, momentos apreensivos. Momentos seletivos. Debatemo-nos na indecisão: devo ou não devo contar isso ou aquilo?... Acho que tive, e tenho ainda, uma vida plena. Gosto da minha vida. Tive, é bem verdade, como, aliás, todo mundo, a vida que foi possível. Claro que, se dependesse de nós, das nossas vontades, dos nossos desejos e sonhos (“essas vozes enrouquecidas”), faríamos muitas coisas de forma diferente. Viver é estar em estado de reformulação permanente.

Acrescentei imagens a este relato. Gosto de imagens. Fotos estão na ordem do dia. Tudo se converte em imagem. E imagens, como bem sabemos, são textos poderosos. Documentam. Falam por si mesmas. Olhando algumas delas, já não gostamos muito do que vemos... Por outras vezes, gostamos... O tempo passa. O tempo (“esse narcótico veneno”) nos mostra outras perspectivas. E as imagens, via de regra, contextualizam os cenários.

³ Poeta e professor que se filiou ao Modernismo português, nascido em 1987 e falecido em 1978.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e estética: a teoria do romance*. Tradução de Aurora Fornoni Bernardini et alii. São Paulo: Hucitec, 1998.

BARROS, Mariana Luz Pessoa de. *O discurso da memória – entre o sensível e o inteligível*. São Paulo: FFLCH, USP, 2015.

CAMPOS, Humberto. *Memórias*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1947.

DISCINI, Norma. *Memorial*. (Memorial apresentado no concurso para provimento de um cargo de Professor Doutor no Departamento de Linguística) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

NASCIMENTO, Cabral do. *Cancioneiro*. Lisboa: Edições Gama, 1943.